

Formadores de formadores do UNIARAXÁ: subjetivida- des e sentidos

Prof. Ms. Ivana Guimarães Lodi

Resumo

Este artigo é fruto de uma investigação realizada no Programa de mestrado em Educação Superior da PUC-Campinas, que questionou: Quem são os formadores de formadores do UNIARAXÁ? O que os constituíram/instituíram? Por que e para que trabalham com formação de formadores? Como se vêem enquanto pessoas e profissionais? Através das narrativas que foram colhidas nesta pesquisa, procuramos recuperar e analisar alguns desses elementos constitutivos das identidades de alguns educadores do UNIARAXÁ, com o objetivo de não só registrar, mas analisar as diversas influências que os foram constituindo e instituindo, enquanto professores universitários e formadores de formadores.

Palavras chave: Professores-formadores; Subjetividade; Identidade.

Abstract

This article is based on an inquiry carried through in the masters Program in Superior Education of the PUC-Campinas, that questioned: Who are the teachers trainers of teachers trainers of UNIARAXÁ? What are the things that had constituted instituted them? Why and so that they work with formation of teachers trainers? How they see themselves while people and professionals? Through the narratives that had been harvested in this research, we look for to recoup and to analyze some of these constituent elements of the identities of some educators of UNIARAXÁ, with the objective of not only registering, but analyzing the diverse influences that had been constituting them and instituting them, while university professors and teachers trainers of teachers trainers.

Key-words: Teachers trainers; Subjectivity; Identity.

Prof^a. Ms. Ivana Guimarães Lodi

Qualificação:

Graduação em Estudos Sociais/História
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araxá - FAFI de Araxá
Mestrado em Educação
Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC/Campinas

Local de trabalho atual:

Centro Universitário do Planalto de Araxá - UNIARAXÁ

Endereço eletrônico: iglodi@terra.com.br

Formadores de formadores do UNIARAXÁ: subjetividades e sentidos

Profª. Ms. Ivana Guimarães Lodi

*“Todo mundo ama um dia,
todo mundo chora,
um dia a gente chega
no outro vai embora.
Cada um de nós compõe
a sua história e cada ser
em si carrega o dom
de ser capaz, de ser feliz”.*
Almir Sater

Temos observado que o debate sobre os formadores de formadores tem-se intensificado e que as pesquisas educacionais voltadas para esse nível de formação têm aumentado muito nos últimos anos. Dentre os diversos autores que pesquisam a identidade docente, vale lembrar de Nóvoa (1991), quando diz:

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz *professor*. (...) É um processo que necessita de

tempo. Um tempo para refazer a identidade, para acomodar inovações, para assimilar mudanças. (NÓVOA, 1991, p.16)

Nossa identidade, portanto, não é adquirida apenas pelos títulos ou cargos que ocupamos, mas é construída em nosso viver, em nosso caminhar pela nossa história, com todas as influências familiares, sociais, culturais, morais. Nossa identidade não é herdada geneticamente, não é casual, é um processo de construção diária, ininterrupta, entrelaçada pelas diversas vivências ao longo de nosso existir, viver e fazer. Nesse processo, vamos também, nos constituindo enquanto profissionais. Moita (1992), sobre a identidade profissional, fala que:

é uma construção que tem a marca das experiências feitas, das opções tomadas, das práticas desenvolvidas, das continuidades e descontinuidades, quer ao nível das representações, quer ao nível do trabalho concreto. O processo de construção de uma identidade profissional própria não é estranho à função social da profissão, ao estatuto da profissão e do profissional, à cultura do grupo de pertença profissional e ao contexto sociopolítico em que se desenrola. (MOITA, 1992, p. 116)

Portanto, nossa identidade pessoal e profissional é marcada por todas as relações vividas que vão se intercalando e produzindo aquilo que somos e nos tornamos, num contínuo processo de contradições, de harmonia, de integração ou desintegração, de certezas e dúvidas, de construir, desconstruir, re-construir, tudo se conjugando na formação de um ser, uma pessoa única e inigualável. Acreditamos que “a verdadeira vida está (...) na qualidade poética da existência, porque viver exige, de cada um, lucidez e compreensão, ao mesmo tempo e mais amplamente a mobilização de todas as aptidões humanas”. (MORIN, 2000, p. 54)

Já Bosi (1987, p. 407), nos fala que “somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme a nossa visão”.

Acreditamos que essa pesquisa foi também um pouco o ajudar o outro a lembrar, a se conhecer melhor, a se definir.

1. A constituição do ser docente

No desenvolvimento desta pesquisa, fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito no momento em que indagávamos, procurávamos conhecer, como também, contávamos nossa história. Objeto quando ouvíamos, registrávamos, sendo instrumentos de ouvir e transmitir as memórias revividas e contadas. Retomando as palavras de Bosi (1987, p. 47) “a memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora”.

Acreditamos que a partir de um exame detalhado do que vivemos podemos entender o que somos hoje e até mesmo planejar nosso futuro. Podemos encarar o que passou através de novos olhares, atribuindo ao vivido novos significados. As narrativas são capazes de atravessar os tempos e se colocarem abertas às interpretações e reflexões no hoje. “Singularidades e significação não se oferecem como comportamentos à observação direta. Antes, inscrevem-se nos gestos e nas posturas dos indivíduos, deixando marcas em seus corpos”. (FONTANA, 2000, p.105).

Vejamos algumas dessas narrativas no que diz respeito à formação da identidade docente:

Nunca pensei na vida, que fosse dar aula, apesar de ser filha, neta e bisneta de professora. Acredito que isso tenha a ver com eu ficar vendo minha mãe naquela luta a vida inteira, de ajudá-la muitas vezes, até mesmo na correção de provas, no preenchimento de diários. Eu achava a vida da minha mãe muito sofrida, ela trabalhava demais e eu não queria aquilo para mim (Ivana).

Percebemos que não nascemos determinados a ser alguma coisa, somos feitos, construídos. As vivências familiares, as experiências, os dizeres, sem que percebamos, vão-nos invadindo e se instalando em nossas essências e a família, é claro, tem um peso muito grande. Nas

palavras acima, podemos entender que apesar de ver e viver as dificuldades vividas por sua mãe, as marcas positivas foram tão fortes, que em momento oportuno se fizeram notar e interferir na escolha profissional.

Falando sobre as marcas e influências familiares, também vale apontar outras lembranças:

Tudo isso me faz pensar mais uma vez que a gente é produzido por expectativas, falas, linguagens que vão nos constituindo como seres humanos. Acho que meus avós deixaram os genes relativos à escola em mim (Maria Celeste).

Penso que a minha escolha profissional é resultado em grande parte da minha influência familiar, porque toda a minha família, a maioria, se dedicou ao magistério (Elisa).

Penso que minha própria história de vida me influenciou nas minhas escolhas e em minha atuação hoje. Lembro-me desde pequena, de ver minha mãe mexendo com papel, se arrumando para ir para a escola, botando bolsa, sapato e eu a achando muito bonita (Letícia).

Quanto a influências externas, muitos de nossos entrevistados ressaltam a escola, professores, conversas. Vejamos:

Tive um ensino fundamental, naquele tempo primário, muito bem feito, que me deu muita segurança, não só pelo que aprendi, mas também por aquilo que aprendi a ser (Dona Elza).

Pensando ainda em professores que me marcaram, tive vários. Engraçado que se alguém me pedisse para falar sobre algum professor que me influenciou negativamente, eu não tive (Maria Auxiliadora).

Então, me lembro muito de toda essa vivência, desse contexto de vida de professora, de uma forma muito positiva, apaixonada e achava que ser professora era muito bom (Letícia).

Lembranças boas, saudades, detalhes que foram nos impregnando e interferindo no nosso modo de ser e de construir alternativas, possibilidades e caminhos para nossa profissão de educadores. Ninguém nasceu pronto, fomos instituídos nos caminhos percorridos em cada uma dessas vidas. Isso pode ser exemplificado:

Por todo esse percurso, acredito que tenha sido levada a me tornar professora e questiono aquelas falas de que nascemos pra ser alguma coisa. Nascemos com certos dons, é claro, mas ninguém nasce para nada, gostamos de determinadas coisas e vamos sendo construídos, instituídos. Na minha família tudo conjugava a favor de ser professora, mas só depois que eu comecei a trabalhar como tal, depois de mais ou menos um ano, é que eu constatei que era aquilo mesmo que eu queria para minha vida, que me sentia bem fazendo o que fazia, que me realizava enquanto professora, tanto no lado pessoal, como no profissional (Ivana).

Não digo que a gente nasce determinada para ser algo na vida, acho que tem também a questão dos dons. Os dons é Deus que dá para que a gente os desenvolva, mas é lógico que as influências do meio no qual somos criados, a convivência com as diversas pessoas e situações vão nos fazendo (Maria Auxiliadora).

A família influenciou de forma marcante na formação intelectual, cultural e claro, profissional, de praticamente todos os nossos entrevistados, em especial no caso daqueles do sexo feminino. Maria Celeste diz que *“tenho certeza de que as falas familiares, de avós, dos professores, sem que fossem percebidas, tiveram muita influência em minha escolha profissional”*. A família é sem dúvida, um espaço privilegiado para nossas produções enquanto pessoas e profissionais.

Interessante perceber o quanto os relatos mostraram o orgulho pela família e pelo ambiente em que foram criados, muitas vezes nos contando momentos muito íntimos e únicos. Pedro nos mostra isso quando diz:

Iniciei a minha vida escolar na cidade mineira de Carmo do Paranaíba (...),

dade para aprender a ler e eu nunca contei para ninguém.

Já como profissionais, alguns entrevistados destacam os sonhos que foram surgindo, alguns deles considerados até meio impossíveis, mas que acabaram acontecendo. Como se aquilo em que tivéssemos nos tornado, as escolhas de novos caminhos, fossem se conjugando para torná-los realidade. Um desses sonhos é o de trabalhar no ensino superior, que ficou muito claro no seguinte relato:

Quando entrei no UNLARAXÁ como aluna, pode até parecer brincadeira, mas eu falava que iria voltar como professora. Já se disse que “sonho que se sonha só é apenas sonho, mas sonho que se sonha junto se torna realidade”, acho que foi algo mais ou menos assim. Me formei no final de 93, já no começo de 94 entrei para a pós-graduação e no começo de 95 (...) fui chamada a assumir algumas aulas de Estudos de problemas brasileiros no UNLARAXA (...). Hoje já tem mais de dez anos que estou trabalhando na faculdade (Ivana).

A importância de sonhar e a força que os sonhos têm foram muito significativos e o como vamos buscando caminhos para alcançá-los. Maria Auxiliadora nos mostra isso, lembrando do dia em que tomou posse como reitora do UNLARAXÁ:

Aí me vem a imagem do meu pai, a voz dele dizendo pra mim, exatamente o seguinte: “A menina que estudou na roça virou reitora”, foi o que ele me disse logo após a minha posse como reitora.

Vale lembrar que “os sonhos transformam a vida numa grande aventura. Eles não determinam o lugar aonde você vai chegar, mas produzem a força necessária para arrancá-lo do lugar que você está” (CURY, 2004, p. 137). O sonho é, com certeza, o primeiro passo para a realização.

Também nos chamou a atenção, a prática profissional voltada não só para a dimensão da formação técnica, mas, acima de tudo, humana, numa clara alusão à consciência de que educar é formar o ser humano

integral, o cidadão em todas as suas dimensões. Alguns relatos nos mostraram isso:

Por tudo isso, é que acredito que tive bons professores, que me ensinaram a trabalhar com o aluno não só como um robozinho, mas um aluno que escreve, que aprende, que fala, que devolve conteúdo. Aprendi que a formação do aluno como um ser, um cidadão, é mais importante, e por causa disso tudo é que considero que tive uma boa formação (Luiza).

Acredito que a minha história deixou marcas muito fortes na minha atuação profissional, não é possível separar. Essa coisa de não desvincular a formação profissional, os conhecimentos, da formação humana, acredito que tem muito a ver com a forma de minha mãe ser e agir em sua profissão. Procuro valorizar sempre meus alunos, mesmo reconhecendo que muitos deles nos chegam cheios de fragilidades na sua formação, acho importantíssimo valorizar a pessoa humana (Ivana).

É muito fácil perceber o compromisso de todos com o humano, e não há como negar que é essa a educação que fica, que forma para toda a vida. Conhecimentos estão disponibilizados em diversos meios, além de estarem sendo produzidos de forma tão acelerada que nos faz saber que estaremos sempre os buscando. Agora formação, essa ninguém nos tira, fica para sempre.

Algumas dificuldades no processo de formação escolar levaram a pensar e a querer buscar meios que permitissem acertar mais nas práticas pedagógicas, lembrando também, que ninguém é igual a ninguém. Somos fruto de uma educação homogeneizadora, por mais paradoxal que seja, e temos muito claro que isso não pode acontecer, mas as práticas voltadas para a heterogeneidade ainda são muito escassas. Vejamos:

As lembranças que eu tenho da minha vida escolar são muitas, em me lembro que da 1ª a 4ª séries eu estudei no grupo escolar e sempre tive muita dificuldade com matemática (...). Me especializei em psicologia escolar e a minha dissertação de mestrado foi sobre o fracasso escolar. Tenho a impressão que até

hoje estou buscando consertar esse trauma que tive com a matemática (Leticia).

Tudo isso mostra que nossa formação é um processo do pessoal ao coletivo, sofrendo as marcas daqueles e com aqueles que convivemos e partilhamos nossos momentos. Abramowicz (2002) nos lembra:

Só é possível refletir sobre a prática docente e debatê-la, no coletivo, por meio da partilha de saberes. É em comunhão com outros seres humanos, professores, que nós nos desenvolvemos e nos formamos, fazendo-nos e refazendo-nos. O professor se constrói em um processo coletivo (...). No coletivo se desenvolvem vínculos de confiança e solidariedade, contribuindo para um clima de convívio rico e estimulador. (ABRAMOWICZ, 2002, p. 140)

Percebemos que todos constroem sua identidade, seus saberes, sua História, no decorrer de suas próprias vidas, e esses processos dependem das influências que sofremos, dos modelos que adotamos.

Outro aspecto marcante são as influências históricas em nossa vida, em nosso constituir-se. Entre nossas entrevistadas, nesse caso as mulheres, podemos perceber as marcas de uma educação e de uma sociedade machista. Todos os relatos abaixo nos mostram isso claramente:

Eu sempre tive vontade de ser professora e aconteceu que ser professora pra mim, no meu momento de vida de esposa, de mãe, foi até mais fácil (Luíza). (...) não pensava muito em carreira e profissão. Minha mãe é que aconselhou para que eu matriculasse nesse colégio (Escola Normal), pois ela tinha estudado lá, era o colégio dela, na cabeça dela existia aquela noção de que eu devia ter uma formação, para ser professorinha, me casar e cuidar dos filhos e da casa. Essa profissão era boa para mim, por eu ser mulher (Leticia).

Na escola, a admiração que tinha por alguns professores, eu acho que interferiu também e foi me constituindo. Até mesmo as falas de que ser professora é coisa de mulher, que é até um reflexo negativo, tudo isso, com

certeza, foi me tornando professora (Maria Celeste).

Apesar de haver aquele desejo, aquele sonho de ser professora, existiu também que naquela época, a única opção que tínhamos de estudo era para ser professoras, fazer o magistério. Na verdade todos brincavam dizendo que sendo mulheres só poderíamos fazer o curso normal, pois trabalhar só podia se fosse para ser professora, ou então ficar esperando o casamento (Maria Auxiliadora).

Todas essas análises nos apontam, conforme Freitas (2000, p.97), que “a escolha do Magistério pela mulher brasileira teve determinantes sócio-históricos pertinentes à historicidade da constituição da mulher, que se deu à sombra da tradição patriarcal de nossa sociedade, com suas concepções e ideologias pertinentes às relações econômicas de produção capitalista”.

A História nos faz e de alguma forma fazemos a história. Mesmo com as diversas mudanças nos últimos anos, ainda vivemos em uma sociedade extremamente machista e patriarcal, com valores muitas vezes preconceituosos no que diz respeito à mulher. Louro (2002), em seus estudos sobre a história das mulheres no Brasil, especificamente sobre as mulheres na sala de aula, nos fala sobre a “feminização do magistério”, apontando suas causas no país. Ela comenta:

A identificação da mulher com a atividade docente, que hoje parece a muitos tão natural, era alvo de discussões, disputas e polêmicas. Para alguns parecia uma completa insensatez entregar às mulheres usualmente despreparadas, portadoras de cérebros “pouco desenvolvidos” pelo seu “desuso” a educação das crianças. (LOURO, 2002, p. 450)

14 Foi possível perceber, através dos relatos de nossos entrevistados, o preconceito e a desvalorização da mulher na sociedade. Até sua capacidade intelectual é criticada, sendo que na maioria das vezes o pouco estudo é devido à falta de oportunidades, tanto no que diz respeito a cursos, quanto no que diz respeito ao que a sociedade “exigia”

delas, deveriam se casar cedo e cuidar dos filhos.

Isso nos mostra o porquê de existirem muito mais mulheres nas fases iniciais do magistério, como também o histórico descaso, alvo de diversos protestos, como os salários. O professor no Brasil, principalmente nas séries iniciais, é muito pouco valorizado e ganha vergonhosamente mal.

Todos esses fatores nos fazem questionar nossa identidade, muitas vezes a não nos valorizarmos como profissionais e até mesmo a “engolir” coisas que nos desagradam profundamente. Lutar contra esse sistema tão forte, tão historicamente tecido é muito difícil, necessita de conhecimento, união e coragem, como também de saber que mudanças são lentas e gradativas, que possivelmente os resultados não serão vividos por nós que o construímos no presente. Vale destacar, que:

Há que se resgatar a falta de conscientização de nós professores, de que nós próprios somos agentes, atores e responsáveis pelas nossas vidas e que somente com nossas próprias forças e competências faremos mudanças no meio em que vivemos. (PORTAL, 2002, p.122)

Interessante destacar o peso que o reconhecimento social teve nos questionamentos sobre ser ou não professor, as diversas falas, até mesmo dentro das famílias, que atestam essa desvalorização do magistério no país, como as que podemos ler:

Outra coisa que teve um peso muito grande foi o fato do “status”. Socialmente existe no Brasil o mito de que o professor é um coitado. Acho que tudo isso é uma desvalorização cultural que começou lá atrás, de que o magistério foi delegado às mulheres porque culturalmente existia a idéia de que o homem tinha que ser o provedor, não cabia a mulher ser a provedora, ela poderia ser a professora, não tinha problema, já que ela não ia ganhar muito dinheiro mesmo (Letícia).

Isso reforça a idéia de a docência ser vista como um sacerdócio, “muito conveniente para que se constituísse a imagem de que os pro-

fessores, principalmente as professoras, fossem vistas como ‘trabalhadoras dóceis, dedicadas e pouco reivindicadoras’, o que serviria futuramente para lhes dificultar a discussão de questões ligadas a salário, carreira, condições de trabalho etc” (LOURO, 2002, p.450), como também essa histórica desvalorização da profissão.

Quando pensamos sobre as influências de professores marcantes, lembramos de Castanho (2002), ao nos apresentar algumas dessas características que deve possuir um professor marcante, e elas são muito próximas do que nos contam nossos entrevistados. Vejamos:

As características que tornam marcantes tais professores são várias, destacando-se, em todas elas, a profunda inter-relação entre aspectos profissionais e pessoais. É possível perceber que a dimensão pessoal e a dimensão profissional se entrelaçam, fazendo um todo indivisível e responsável por uma postura admirável como professor. São descritos professores que ‘amavam o que faziam’, que ‘valorizavam o aluno’, que ‘sabiam explicar muito bem a matéria’, que ‘motivavam as aulas’, que eram ‘seres humanos ímpares’ (...) (CASTANHO, 2002, p. 155).

Concordando com a autora, acreditamos que são importantes não só o conhecimento dos professores, mas a postura, o gosto, a dedicação, a consciência pelo e no que fazem. O que fica são as atitudes, a convivência, o acreditar, o humano. Mais importante do que ensinar é a forma de se relacionar com seus alunos, a capacidade de respeitar as diferenças, o constante incentivar, o acreditar nas possibilidades de cada um, a postura ética. Esses sim são exemplos e marcas carregadas por toda a vida.

Sobre influências e professores marcantes, vejamos o que dizem nossos entrevistados:

Tudo que lembramos dos nossos professores envolve a questão da postura, é o que fica marcado para sempre. É claro que o conhecimento é importante, vem incorporado, mas não lembramos do que nosso professor nos ensinou e sim da forma como nos tratou (Dona Elza).

Quanto a professores que me marcaram, eu tive uma grande professora, que foi a minha mãe – dona Neiva Santana, que era professora formada, numa época em que praticamente, na minha cidade, não tinha professoras formadas, e a minha mãe foi a minha grande motivadora (Pedro).

Acredito que indiretamente, minha mãe influenciou nessa minha profissão. Apesar de toda a dificuldade por ela vivida, ela nunca reclamava da profissão. Achava difícil sim, era mal remunerada, ficava insegura, mas ela mesma dizia que, assim que entrava para dentro da escola, tudo que era problema ficava para trás, ela se tornava a professora, porque sentia prazer naquilo que fazia (Ivana).

Em todos ficaram as marcas boas que sofreram, as influências positivas, aqueles que passam por nossas vidas e são para sempre lembrados, interferem em nossa maneira de agir e fazer, são enfim, não só professores, mas seres humanos marcantes.

2. Ser professor formador – significados e sentidos

Definir e compreender nossas práticas e como elas foram produzidas é um exercício muito rico. Em nossas trajetórias são diversas interferências que se mostram presentes naquilo em que nos tornamos, em nossa identidade. Nossa história familiar, nossa trajetória escolar, as relações que estabelecemos nos diversos campos sociais em que convivemos, a cultura a que temos acesso, as crenças religiosas, a estrutura política e econômica na qual estamos inseridos, são diversos referenciais.

Em meio a tudo isso, nossa imagem e aquilo que realmente somos vai se estruturando e se manifesta em nossos fazeres e em nosso modo de ser e relacionar. Durante nossa investigação, foi possível perceber que todos os entrevistados, de maneiras diferenciadas, foram se revelando e se conhecendo, e todos manifestaram prazer em trabalhar no UNIARAXÁ. Percebemos a crença de estarem desenvolvendo um

trabalho bem feito como também o fato de trabalharem e conviverem em um ambiente que lhes proporcionam alegrias.

Tenho orgulho do que sou hoje, do que faço (Ivana).

Sobre a minha vida no UNLARAXÁ, me considero “peça de musen” do UNLARAXÁ, porque assim que eu me formei, em 1976, eu comecei a trabalhar lá, e estou até hoje. Estudei lá, ainda como FAFI, depois comecei a trabalhar, passando pelas mudanças para a FIAP e depois UNLARAXÁ em 2002. Realmente, minha realização pessoal como professora, aconteceu dentro do UNLARAXÁ, eu me sinto muito bem lá, me sinto como se fosse parte da minha vida, como se fosse a minha casa, como se em cada momento ali dentro eu me realizasse como profissional (Luiza).

Na medida em que somos úteis para os outros, estamos sendo também para nós, essa filosofia de vida eu tenho. Também me acho responsável, comprometida com tudo aquilo que vivi e vivo, venci muitos obstáculos (Dona Elza).

Com relação ao que cada um é, e como se vê, muitos dos relatos são permeados pela emoção, pela certeza na escolha do magistério, pela satisfação e crescimento humano, pois “todo o processo de criação acontece na história e é marcado por ela. Simultaneamente, todo processo de criação tem uma história singular em que entrecruzam pessoas, eventos, diálogos” (KRAMER; JOBIM e SOUZA, 2003, p. 147). Vejamos o que nos falam nossos entrevistados:

Se alguém chegasse pra mim hoje e me perguntasse se eu escolheria minha profissão de novo, eu escolheria sim. Escolheria porque eu acho que nunca me senti frustrada (...). Consegui ser verdadeira no que fiz. Tenho a vida, a experiência vivida, trabalhei em todos os níveis (Dona Elza)

Sou acima de tudo professora, com muito orgulho, apesar de todas as vicissitudes (...). Se me perguntassem hoje, se eu escolheria ser professora novamente, sem dúvida que eu escolheria sim, sem medo de ser feliz (Maria Celeste).

Não consigo me ver como uma profissional desvinculada da pessoa que sou. A imagem que tenho como profissional é a imagem que os alunos têm de mim, pois eles manifestam isso. Sou uma professora séria, exigente, mas ao mesmo tempo alegre, descontraída, que não briga por qualquer coisa, calma, que tem ponderação para tratar das questões (Maria Magdalena).

Eu me sinto muito feliz nesse aspecto e o mais gostoso é quando você esbarra com pessoas que dizem terem sido nossos alunos, isso fortalece a gente. Ser professor é ser uma pessoa sem fronteira. É estar sempre na frente do limite (Fábio).

Se fosse para escolher hoje novamente essa profissão, eu escolheria com certeza. Sou apaixonada pela relação professor-aluno. Gostaria de dizer mais uma vez que ser professor é muito bom, ser professor vale a pena. Vale a pena diante dos momentos que a gente vive e do agradecimento das pessoas com as quais você teve a oportunidade de conviver. (Elisa).

Se fosse para escolher ser professora hoje, eu escolheria sem dúvidas. Depois de mais de treze anos de profissão, não me vejo fazendo outra coisa. É uma opção consciente, não tenho vontade de fazer outra coisa (Ivana).

São todos relatos de simplicidade, mas também de complexidade, de sentimentos e de identificação com o magistério.

Já no que diz respeito à imagem que têm de si mesmos, às alegrias pelo que se tornaram e pelo que fazem, é muito fácil perceber como as histórias de vida foram tecidas em meio a sentimentos e relacionamentos muito significativos. Alguns de nossos entrevistados tiveram uma vivência profissional com laços profundos de relacionamentos afetivos, que se complementaram e se complementam até hoje. Isso fica muito claro nos relatos abaixo:

Eu fiz especialização “lato sensu” quando terminei a universidade e logo, logo eu me casei. O Pedro foi meu colega e nós tivemos uma convivência afetiva e intelectual muito rica, como ainda temos até hoje e essas memórias talvez me emocionem também por esse lado, por ser onde conheci a pessoa que amo e

sermos parceiros na vida e na história, na vida e na profissão. Isso trouxe trocas muito ricas, que eu acho que nada no mundo vai conseguir apagar (Maria Celeste).

O trabalho desempenhado pelos nossos entrevistados tem sempre a preocupação e o objetivo de atingir a qualidade não só pedagógica, mas também humana. Isso se manifesta no “feed back” dos próprios alunos:

Com relação a minha atuação profissional, o que eu acho muito gratificante, é quando um aluno escreve um bilhetinho para mim, mesmo agora na graduação e diz: “Dona Luíza, eu a admiro muito, tenho a senhora como meu modelo”. Não me vejo como modelo, mas me sinto lisonjeada, é claro, isso massageia o ego. Eu sempre me pautei pela responsabilidade, pelo carinho, pelo amor aos outros, por amar sempre ao próximo (Luíza).

Agora, quando um aluno chega pra gente e diz que não esquece aquilo que dissemos, não esquece nossas aulas, nosso jeito de ser, o fato de termos feito alguma coisa por ele, mesmo que não tenhamos percebido, isso é muito gratificante! Nada no mundo paga, é uma das melhores coisas da profissão! (Ivana)

Educar é, sem dúvidas, um ato de amor pelo outro, para o outro, por si mesmo, pelo que fazemos, já que

amar ensinar significa desejar ardentemente que o outro aprenda a ter prazer nisto; ter prazer em partilhar com o outro um trecho do percurso que já fez (e que continua fazendo), tendo consciência de que o caminho do outro terá suas peculiaridades. Esta satisfação é que vai também ajudar a suportar a fadiga da atividade e a sustentar a necessária paciência pelas formas e ritmos de apreensão do outro. (VASCONCELOS, 2001, p. 63)

Todas as marcas, todas as tramas que foram tecidas na constitui-

ção da identidade de nossos entrevistados, estão muito claras em suas lembranças, em suas imagens enquanto profissionais, em seus fazeres profissionais diários. Podemos observar em algumas dessas falas, este constituir-se e instituir-se diários:

Se alguém chegar e pedir para eu me definir, sem sombra de dúvida que eu me defino como o Pedro professor e não o Pedro empresário. Sou professor por convicção, formação e bem querer. Sou um grande privilegiado, sou bem aceito pelos alunos e tenho consciência disso e, acho que é por essa razão que dou aulas até hoje, dar aulas é a grande realização da minha vida. Estar na escola, na sala de aula, sempre me deixou alegre (Pedro).

Enquanto educadora acredito e não abro mão, se deixar de acreditar, se abandonar minhas crenças, não construiremos um futuro sólido. Temos de trabalhar no hoje para mudar o futuro, e não veremos essas mudanças efetivamente, mas somos responsáveis por elas, se não trabalho por isso, sinceramente, acho que não tem sentido o que faço (Ivana).

Tudo isso me faz ver que a minha história de vida está completamente emaranhada com a minha vida profissional, hoje eu enxergo isso muito claramente. Não tem como afirmar que a vida profissional é mais forte que a pessoal, mas tenho que admitir que vivi muito mais a vida profissional, embora eu seja uma pessoa muito próxima da minha família (Maria Auxiliadora).

Tenho a vida vivida, trabalhei em todos os níveis e foi uma experiência gratificante, que realmente me ajuda muito no meu trabalho, porque, principalmente na formação de professores, tudo que vivi me traz uma certa tranquilidade no meu trabalho, tanto na parte do conteúdo, com no fazer com que os alunos busquem o conhecimento de forma tranquila (Dona Elza).

Interessante também destacar a consciência enquanto cidadãos, de assumir um papel não só de repassar conhecimentos, mas também de formar pessoas conscientes de seu papel social, num país que também está a se constituir enquanto nação, claramente nos mostrando como somos instituídos por tudo aquilo que vivemos e convivemos.

Confirmando o seguinte relato:

Se pudesse dizer em poucas palavras, eu sou professora que questiona o ser professora e quer continuar questionando continuamente o ser professora. Porque nós não somos professores, nós estamos sendo, assim como o Darcy Ribeiro fala que “o brasileiro é um povo em sendo”, nós somos professores em sendo, nós somos alunos em sendo, nós somos mulheres, homens, brancos, negros, índios em sendo, e que a gente possa ser, da melhor forma possível (Maria Celeste)

Chamou-nos a atenção a crença na educação, as possibilidades de, no fazer diário, contribuir para melhorar aqueles com os quais convivemos, nosso meio e a nós mesmos.

Sou muito crédula a respeito da educação, isso me faz muito feliz, me sinto muito realizada, gosto de ir trabalhar, gosto de fazer o que faço (Letícia).

Além disso, a esperança e a certeza no trabalho que desempenham, apesar de todas as vicissitudes sofridas, ser motivo de orgulho e certeza de que estão desempenhando uma função das mais importantes na formação de um povo. Mesmo com todo o descaso sofrido pela educação em nosso país, o gosto pelo que fazem pode ser percebido através do relato abaixo:

Vale lembrar também, que aqueles que amam o magistério, que não são professores por bico, que não “deixam a peteca cair”, que se unam enquanto classe. Sem dúvida é uma coisa horrível para o nosso país, um país em que se diz a toda hora que a educação é a saída, essa falta de respeito e valorização do professor. Sei que é difícil, mas que resgatar nossa identidade e reconhecimento, depende muito da gente mesmo. Que todos peguem essa bandeira e não aceitem esse descrédito. Que a gente lute com vontade e força para não permitir que isso continue acontecendo (Pedro).

Todas as falas, todas as recordações, todo o revelar-se mostra-

ram-nos essências muito ricas, seres humanos complexos que, mesmo incompletos, estão dia-a-dia se construindo como profissionais, pois “o mundo é do tamanho do conhecimento que temos dele. Alargar o conhecimento, para fazer o mundo crescer, e apurar seu sabor, é tarefa de seres humanos” (RIOS, 2001, p. 24). Vidas únicas, com significados diversos, mas ao mesmo tempo tão parecidas, como é possível constatar:

Assim é nossa vida, feita de altos e baixos, muitas estruturas interferindo no nosso tecer, nos fazendo rir e chorar, outras vezes, perder o fôlego de êxtase, mas tudo fazendo parte de nossa criação. Tudo é vida, minha profissão é vida! É a minha vida e a vida de tantas pessoas que comigo convivem, cada uma delas criando e tecendo sua própria tapeçaria, numa teia de fios que se tocam em diversos momentos (Ivana).

Acredito que o que me faz muito feliz sendo professora, é esse convívio com as pessoas, que te renova o tempo inteiro, pois a cada semestre recebemos um grande número de novos alunos (Maria Auxiliadora).

Sou apaixonada por aquilo que faço, sou apaixonada pelos meus alunos, pelos meus colegas. É lógico que temos momentos de stress, momentos de conflitos, mas acho que vamos amadurecendo e percebendo que a gente tem que lutar e defender aquilo em que acreditamos em termos de educação (Elisa).

Todos os professores ouvidos nesta investigação se constituíram como profissionais nas ondas de suas histórias de vida. Não são profissionais por terem feito um curso superior, mas por terem acreditado e assumido todas as exigências e responsabilidades por sua opção, pelo que fazem. Ficou evidente que “(...) qualquer relação com o saber comporta também uma dimensão de identidade: aprender faz sentido por referência à história do sujeito, às suas expectativas, às suas referências, à sua concepção de vida, às suas relações com os outros, à imagem que tem de si” (CHARLOT, 2000, p.72). Todas as escolhas, todas as pessoas, todos os momentos, foram fundamentais na constituição docente de cada um. Em meio a histórias diferentes, muitas

vezes não reconhecidas em seu valor, fomos percebendo o tamanho da riqueza de suas vidas.

Acreditamos que cada entrevistado, em tudo que foi lembrado, falado, contado, viveu momentos não de relembrar, mas de reinterpretar o vivido, dando novos significados e sentidos ao que foi e, principalmente, ao que é hoje como pessoa e profissional. Histórias de vida ricas, de professores únicos, que vivem e também constroem tantas outras Histórias de vida dentro do UNIARAXÁ.

Professores – formadores de formadores, que fizeram parte desta investigação: Elisa Antônia Ribeiro; Elza Carneiro de Paiva; Fábio Vasconcelos; Ivana Guimarães Lodi; Leticia Vasconcelos Britto; Luiza Elena de Castro Rios; Maria Auxiliadora Ribeiro; Maria Celeste de Moura Andrade; Maria Magdalena de Castro Oliveira; Pedro Eustáquio de Andrade.

Referências

ABRAMOWICZ, Mere. “A importância dos grupos de formação reflexiva docente no interior dos cursos universitários”. In: CASTANHO, Sérgio e CASTANHO, Maria Eugênia (Orgs.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. 2.ed. Campinas: Papyrus, 2002, p.137-142.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A Queiroz, 1987.

CASTANHO, Maria Eugênia. “Sobre professores marcantes”. In: CASTANHO, Sérgio, CASTANHO, Maria Eugênia (Orgs.) **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. 2.ed. Campinas: Papyrus, 2002. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos de uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CURY, Augusto. **Nunca desista dos seus sonhos**. 3.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

FONTANA, Roseli Cação. “Trabalho e subjetividade. Nos rituais da iniciação, a constituição do ser professora”. In: **Cadernos CEDES 50 – Relações de ensino – análises na perspectiva Histórico-cultural**. Campinas: UNICAMP, 2000. p. 103-119.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Org.) **Memórias de professores: história e histórias**. Juiz de Fora: UFJF, 2000.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia et. all. “Percurso de letramento dos professores: narrativas em foco”. In: KLEIMAN, Angela B. e MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles (Orgs.) **Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e construção do saber**. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p. 65-92.

LOURO, Guacira Lopes. “Mulheres na sala de aula”. In: PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2002. p.443-481.

MOITA, M. C. (Org.) **Professor do ensino superior: Identidade, docência e formação**. 2.ed. Brasília – DF: Plano Editora, 1992.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez. Brasília: UNESCO, 2000.

NÓVOA, Antônio. (Org.) **Profissão professor**. 2.ed. Porto: Porto Editora, 1991.

PORTAL, Leda Lísia Franciosi. “O professor e o despertar de sua espiritualidade”. In: ENRICONE, Délcia (Org.) **Ser professor**. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.109-123.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e Ensinar - Por uma docência da melhor qualidade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Resgate do professor como sujeito de transformação**. 8.ed. São Paulo: Libertad, 2001.

